

## Meca perde a alma

Há dez anos que vêm sendo demolidos edifícios históricos para dar lugar a complexos imobiliários. Sempre mais altos, maiores e mais luxuosos. Onde pára a herança histórica desta cidade santa?

**JORNAL THE GUARDIAN**  
LONDRES

Gruas e mais gruas em redor da Grande Mesquita de Meca, numa foto tirada a 22 de outubro de 2012  
FOTO DE AMR ABDALLAH DALSH/REUTERS

Um círculo verde fluorescente paira no céu noturno. Emite um brilho fantasmagórico sobre uma floresta de minaretes, guindastes e estruturas de betão, que parece estender-se indefinidamente na distância empoeirada, como um vasto campo de dominós. Trata-se do maior relógio do mundo e enfeita a mais alta torre de sempre.

Visível a 30 km de distância, o Abraj al-Bait destaca-se como um Big Ben gigante, a mais de 600 metros acima da mesquita sagrada de Meca, o coração espiritual do mundo islâmico.

Esta pretenciosa imitação de palácio alberga uma série de hotéis e apartamentos de luxo alcandorados sobre cinco pisos de um centro comercial. Concluído no ano passado, implicou um investimento de 11 mil milhões de euros e ocupa o espaço do fortim de Ajyad, uma fortaleza otomana construída em 1781 para proteger a cidade de invasores.

A demolição da cidadela de pedra desencadeou um protesto internacional em 2002, mas foi rapidamente contestado pelo ministro saudita dos Assuntos Islâmicos: “Ninguém tem o direito de interferir no que respeita à autoridade do Estado”. Não foi só a forta-

leza a ser arrasada, como a colina sobre a qual estava erigida.

“É realmente indescritível”, declara Sami Angawi, arquiteto e fundador do Hajj Research Center, em Jeddah. Passou as últimas três décadas a pesquisar e documentar os edifícios históricos de Meca e Medina, já praticamente todos desaparecidos. A casa de Khadija, esposa do Profeta, foi arrasada para dar lugar a balneários públicos. A de Abu Bakr, companheiro do Profeta, é agora um hotel da cadeia Hilton e a do neto do Profeta foi tragada pelo palácio real.

“Estão a transformar a Cidade Santa numa máquina, uma cidade sem identidade, nem património, nem cultura nem ambiente natural. Até os montes são removidos”, lamenta.

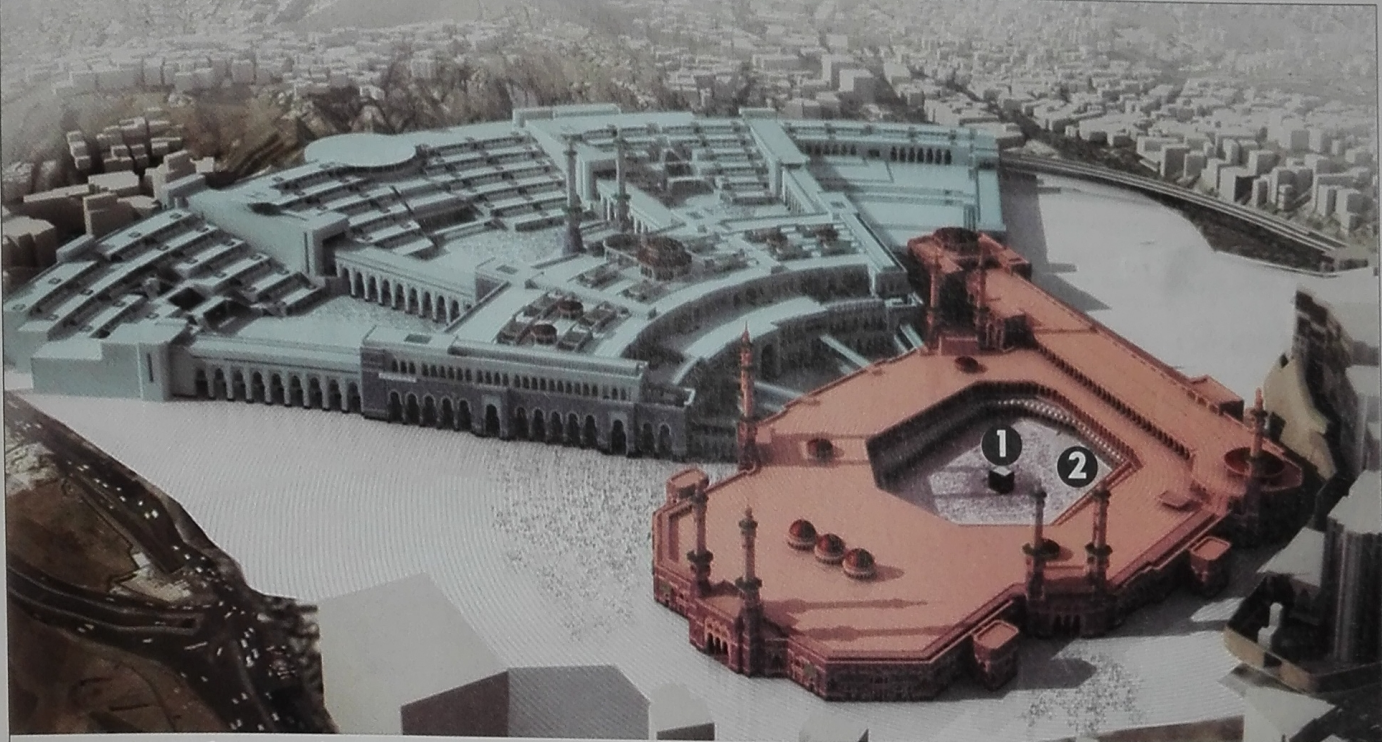
### Sala de oração ocupa seis andares

No flanco oeste da cidade erguem-se as primeiras torres do complexo Jamarat Omar, um vasto empreendimento que inclui 26 hotéis de luxo, com capacidade para 100 mil pessoas, uma galeria de 4000 lojas e 500 restaurantes, bem como uma sala de oração particular, que ocupa seis andares.

Esta sucessão de grandes blocos, al-



NORTE



## Maqueta do projeto de ampliação da Grande Mesquita de Meca

**1** A Caaba, edifício sagrado em torno do qual os peregrinos dão sete voltas

**2** O mataf, espaço circundante

Mesquita atual

Projeto de ampliação

FONTE: www.planete-islam.com (Maqueta do grupo Saudi Benladin)

guns dos quais chegam aos 200 metros de altura, partilha com o relógio os mesmos códigos pseudoislâmicos: um sortido estereotipado de arcos ogivais e grelhas de gesso em galinheiros de betão.

Outro grande conjunto arquitetónico está em fase de conclusão em Al-Shamiya, no lado norte da Grande Mesquita, um projeto de 7,5 mil milhões de euros que visa acrescentar 400.000 m<sup>2</sup> de salas de oração ao santuário. O edifício, que se assemelha a uma grande fatia de um bolo de casamento, permitirá acolher 1,2 milhões de visitantes por ano.

### Desaparecimento de lugares históricos

Mas a fatura é pesada. “Era a parte mais histórica da cidade velha e foi arrasada”, lamenta Irfan al-Alawi, diretor-executivo da Islamic Heritage Research Foundation, uma organização sediada no Reino Unido, que tem procurado, em vão, defender o património histórico islâmico.

Os projetos de construção em Jabal Khandama, nas colinas a leste, provocarão o desaparecimento do local onde o profeta Maomé nasceu, diz Al-Alawi. Segundo ele, a destruição do património islâmico não é acidental: é impulsiona-



da pelo wahabismo, a religião do Estado, uma interpretação estrita do Islão que considera que os locais históricos incitam à idolatria. “É o fim de Meca. E para quê? A maioria dos hotéis está meio vazia e os centros comerciais desertos: as rendas são demasiado caras para quem tinha uma venda no souk.

As pessoas que irão rezar na nova extensão da mesquita não vão sequer conseguir ver a Caaba.” A Caaba é o cubo santo negro que ocupa o centro da Grande Mesquita, em torno do qual os peregrinos têm de executar sete voltas a pé.

A estrada para Meca divide-se em duas. Uma é reservada aos muçulmanos e leva ao santuário. A outra, destinada aos “não muçulmanos”, contorna-o, pois não têm direito de acesso à Grande Mesquita. Logo após a peregrinação (*hadj*) deste ano, começaram as obras de expansão do *mataf*, a área descoberta em torno da Caaba. A meta é triplicar a sua capacidade, de modo a comportar 130 mil peregrinos por hora.

Para isso, o centro histórico da mesquita será eliminado. “Querem remover os arcos de tijolo e colunas de pedra do século XVII”, diz Alawi. “São a parte mais antiga da mesquita sagrada. Foram



A necessidade desesperada de estar ou de se sentir o mais próximo possível da Caaba forçou os edifícios a tornarem-se mais altos

COURRIER INTERNATIONAL



## GLOSSÁRIO E CRONOLOGIA

### 'HADJ' E 'UMRAH'

A *Hadj*, ou seja a Grande Peregrinação, é um dos pilares do Islão. Todo o crente que tenha possibilidades, deve fazê-la uma vez na vida, entre o 8.º e o 13.º dia do Dhu al-Hija, o 12.º mês do ano lunar muçulmano. Em 2012, três milhões de pessoas cumpriram a *Hadj*. "Como todos os anos, a afluência ultrapassou a capacidade de acolhimento", manifesta o ASHARQ\_AL-AWSAT, com preocupação. O diário incita o Estado a incentivar a *Umrah*, a Peregrinação Menor, com menos valor teológico mas que pode ser realizada ao longo de todo o ano.

### WAHABISMO

Dogma fundamentalista que defende uma interpretação literal do Corão. Proíbe, nomeadamente, locais históricos, como o túmulo de Maomé. O wahabismo está intimamente ligado à história da família real saudita. Mohammed bin Abdel Wahab, o fundador deste movimento, nascido no século XVIII na zona norte de Riade, foi acolhido pelo emir Mohammed al-Saud. Casou com a filha dele e acompanhou-o na conquista das tribos vizinhas. Desde então, wahabismo e poder andam de mãos dadas.

### DE MECA PARA MEDINA

570 Maomé nasce em Meca.

610 Num momento de retiro na caverna de Hira, perto de Meca, Maomé tem uma revelação e começa a pregar.

622 Maomé e os seus seguidores, perseguidos em Meca, fogem para Yathrib, atual Medina. É o início da Hégira ("emigração") e de dez anos de confrontos entre os muçulmanos e os habitantes de Meca, a maioria dos quais politeístas.

624 A Batalha de Badr marca a primeira grande vitória de Maomé sobre os combatentes de Meca. Mas, no ano seguinte, os muçulmanos são derrotados em Uhud.

627 Uma tribo de Meca organiza um cerco a Medina. Dá-se a "Batalha da Trincheira", com nova vitória muçulmana.

630 Maomé conquista Meca, à frente de um exército de dez mil homens. Instaura o Islão e destrói os ídolos venerados pelos árabes politeístas.

632 Maomé morre em Medina.

634-644 Primeiras obras de alargamento da Grande Mesquita de Meca, por iniciativa do califa Omar, companheiro de Maomé.

projetados pelo grande arquiteto Sinan [1489-1588]. Como as colunas estão revestidas com histórias e os nomes dos companheiros do Profeta, os wahabitas querem deitá-las abaixo."

#### Imobiliário mais caro do mundo

A necessidade de estar ou de se sentir o mais próximo possível da Caaba forçou a que os edifícios se tornassem cada vez mais altos. Isso faz da "mãe das cidades" o mercado imobiliário mais caro do mundo: o metro quadrado em torno da Grande Mesquita, em 2011, estava em mais de 144 mil euros, segundo declarações de Osama al-Bar, prefeito de Meca. Os cerca de 35 mil euros por metro quadrado do Principado do Mónaco pare-

cem ridículos por comparação. A cidade recebe 12 milhões de visitantes por ano, número que se espera que suba para 17 milhões até 2015. A ligação ferroviária de alta velocidade da cidade portuária de Jeddah a Meca e Medina vai facilitar os acessos. E o aeroporto de Jeddah está a ser ampliado, com o objetivo de aumentar a sua capacidade para 80 milhões de passageiros por ano.

"Em nenhum outro lugar do mundo", diz Sami Angawi, "se avança com a destruição e as escavadoras antes de ser aprovado um plano de urbanização. Mas ainda podemos travar isso, ainda vamos a tempo, se não quisermos que o carácter de santidade de Meca seja destruído para sempre." ●



## COMENTÁRIO CATORZE SÉCULOS DE HISTÓRIA EM RISCO

Uma vez mais, a destruição de uma colunata abássida na Grande Mesquita de Meca provocou um intenso debate no Twitter. Alguns lamentam a perda de um legado, outros argumentam a necessidade de facilitar a circulação dos peregrinos como prioridade sobre a preservação dos velhos edifícios. Mas quero sublinhar que, mais que a colunata, é a história da nação muçulmana que está em jogo, bem como a rutura de uma ligação cultural outrora tecida entre as gerações. Muitos recordam que as primeiras obras de ampliação da Grande Mesquita foram lançadas no califado de Omar [634-644], causando demolições sucessivas. No entanto, também há quem diga que o atual estrangulamento do *mataf* [espaço de circulação em torno da Caaba] é mais um problema de gestão de multidões que de mau posicionamento de colunatas, e que as obras previstas só vão piorar a situação. Alguns veem no desejo de preservar os vestígios da época do Profeta um incentivo à idolatria [odiada pela versão rígida e iconofóbica do Islão, o wahabismo]. A esses, só posso desejar que Deus purifique os seus corações do ódio. Por outro lado, muitos moradores da região de Hijaz estão convencidos de que há uma conspiração em curso para lhes apagar a identidade, que lhes destrói os vestígios há 30 ou 40 anos sob pretextos vários, como a pureza do dogma religioso ou o desenvolvimento de infraestruturas para os peregrinos. Ashraf Ihsan al-Fagih, jornalista e bloguista saudita, ALFAGIH.NET (excertos)



**AUTOR**  
Oliver Wainwright  
(excertos)

**DATA**  
23.10.2012

**TRADUTORA**  
Ana Cardoso Pires